



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de ordem de início das obras do trecho Salgueiro-Trindade da Ferrovia Nova Transnordestina

Salgueiro-PE, 12 de fevereiro de 2009

O Eduardo falou pouco e eu vou ver se eu falo menos que ele.

Primeiro, dizer para vocês que eu estou vivendo a realização de um sonho. Em 1989, eu fui fazer um comício na cidade do Crato, no segundo turno das eleições com o Collor, e o doutor Arraes – a mãe dele morava lá – foi participar do comício e me apoiar. Na volta, no avião, sentado ao meu lado, o doutor Arraes falou para mim: “Lula, se você ganhar as eleições, eu queria que você tratasse com carinho a Transnordestina, porque ela começou há muito tempo, ela começou há muito tempo. Somente em 1962 ela chegou a Salgueiro e, de 1962 para cá, o que fizeram foi desmontar aquilo que tinha sido feito antes. Então, se você puder, faça a Transnordestina.” Eu esperei 12 anos para ganhar as eleições. Doze. Mas estava na minha cabeça a certeza e a minha convicção de que era preciso que o Brasil elegeisse presidente da República que conseguisse olhar o mapa do Brasil e perceber que o Brasil não é apenas a região mais rica, do Sul e do Sudeste. Quanto mais igual for o Brasil, quanto mais a gente levar desenvolvimento para todas as regiões, quem é rico vai ficar mais rico, os estados que estão bem, vão ficar melhor, mas os estados que foram abandonados tanto tempo precisam garantir ao seu povo o direito de conquistar a dignidade para viver bem, para trabalhar, para estudar, para morar na sua terra natal, sem precisar ser retirante.

Eu sei, meus companheiros e companheiras, que não foi fácil. Para construir essa engenharia financeira, para fazer a Transnordestina, nós levamos quase três anos discutindo. Antes era o Ciro Gomes, era o Guido Mantega, que era do BNDES, era o Palocci, que era da Fazenda. Era um



verdadeiro inferno. Cada coisa que a gente colocava, aparecia uma vírgula para atrapalhar. Cada vez que a gente encontrava uma solução, no dia seguinte aparecia uma outra coisa para atrapalhar. Foram três anos. Mesmo agora, em 2006, nós fomos a Missão Velha dar ordem de serviço ao primeiro trecho. De lá para cá aconteceram muitas desgraças. De lá para cá houve muita coisa que impedia. Hora era o banco que tinha um problema, hora era o projeto que tinha um problema, até que eu chamei os ministros Alfredo, Geddel, porque na época era a Integração que estava cuidando disso. Passamos para o Transportes cuidar. Chamei o ministro da Fazenda, a Dilma, o ministro dos Transportes, pedi para eles fazerem uma reunião com o Benjamin, que é o dono da Ferrovia, e eu disse: pelo amor de Deus, eu não aguento mais gente para dizer que não pode fazer isso, que não pode fazer aquilo. Eu quero acabar essa Ferrovia até 2010. Não é possível.

Pois bem, agora estamos todos aqui: governadores, Piauí, Ceará e Pernambuco. Está aqui o dono da Ferrovia, está o ministro dos Transportes, está a imprensa ali e a consciência de vocês aqui. Eu vou dizer uma coisa para vocês, companheiro Benjamin e companheiro Alfredo, ministro dos Transportes: nós temos um problema no Brasil, que é resultado de uma crise que nasceu no coração do país mais rico do mundo, que são os Estados Unidos, uma crise que está trazendo a possibilidade de a gente ter problema de emprego no Brasil.

Nós, então, decidimos no governo que todas as obras do PAC que puderem ser contratadas para trabalhar 24 horas por dia, nós temos que contratar, para contratar três turnos, para contratar mais trabalhadores e mais trabalhadoras. De preferência, que a gente contrate as pessoas da cidade, as pessoas da localidade para a gente não trazer gente de fora para trabalhar no lugar de gente que está desempregada nas regiões mais pobres deste país.

Eu disse ao companheiro Alfredo que nós... por exemplo, daqui até Eliseu Martins são 420 quilômetros de ferrovia. Pois bem, se a gente contratar,



em vez de um lote, se a gente contratar quatro lotes de cem quilômetros, a gente vai gerar mil empregos a cada cem quilômetros. Se a gente contratar quatro, a gente vai gerar 4 mil empregos. Se a gente deveria demorar quatro meses contratando apenas um [trecho de] cem quilômetros, nós poderemos diminuir, e muito, o tempo de construir a obra. Este ano é o ano mais delicado, este ano é o ano mais perigoso, e é este ano, companheiro Alfredo e companheiro Benjamin... O que eu quero dizer a vocês dois: Benjamin, pode contratar todos os (incompreensível) de uma vez porque nós vamos garantir que não falte dinheiro para esta ferrovia ser acabada.

Eu, companheiro Benjamin e companheiro Alfredo, antes de deixar a Presidência, quero ver se eu pego esse trem num vagão que você vai montar, especial, eu quero pegar esse trem, ou em Pecém e ir até Suape, ou de Suape para ir até Pecém. Se a gente... Se o Wellington se comportar, a gente vai passar em Eliseu Martins. Por que eu quero isso? Porque nós precisamos gerar empregos, e emprego gera salário, salário gera consumo, consumo gera... vai movimentar o comércio, vai movimentar a indústria, e nós precisamos ensinar aos países ricos, que a vida inteira deram palpite sobre a nossa economia, que nós temos o que ensinar para eles, para cuidar da economia do nosso país.

A segunda coisa importante é a transposição das águas do rio São Francisco. É importante lembrar que em 1847 Dom Pedro queria fazer essa transposição, e a oligarquia da época não deixava. Diziam que os baianos eram contra, diziam que Alagoas era contra, diziam que Sergipe era contra. Ninguém era contra, o que tinha era gente mal informada. Porque também o povo de lá tinha razão: a gente tirar água do São Francisco para trazer para o Ceará, se as pessoas de lá, que moravam na beira do rio, não tinham água para beber.

Então era preciso... para a gente conquistar a confiança do povo deste estado, nós tivemos que fazer duas coisas: criar um programa chamado Água



para Todos, e todas as comunidades à margem do rio São Francisco vão ter água para beber, vão ter água para sobreviver. Ao mesmo tempo, nós vamos recuperar toda a margem do rio São Francisco, vamos acabar com, eu vou dizer assoreamento, mas na verdade é aquela quantidade de terra que fica no meio do rio. Nós vamos limpar e deixar o rio São Francisco tão bonito como Deus fez, e aí eles vão emprestar para nós um tiquinho de água, um pouquinho de água, 1.6 m³ por segundo, para que a gente possa atender as necessidades de uma parte de Pernambuco. A tomada d'água está aqui perto, a 60 quilômetros daqui. Nós queremos atender o estado de Pernambuco, queremos atender o estado do Rio Grande do Norte, queremos atender o estado do Ceará, queremos levar água para 12 milhões de sertanejos, e só pode ser contra quem nunca carregou um pote d'água na cabeça. Só pode ser contra quem não sabe o que é chegar numa cacimba ou num açude, ficar tirando cocô dos animais, separando os caramujos, para levar água barrenta para casa para beber. Esses que não conhecem isso são contra, mas quem sabe o que é o sacrifício de ver um cidadão ter uma cabrinha leiteira para dar leite para o seu filho, e ver ela morrer esturricada de seca, não pode negar essa água para os brasileiros que moram no semiárido.

Eu tenho fé em Deus [que] em abril eu vou estar na região com o ministro Geddel. Vocês acompanharam pela imprensa, houve greve de fome, houve gente que falou, houve artista que falou. Ah, como seria bom se essa gente, em vez de ficar fazendo política pelo que vê, viesse conversar com vocês. Se essa gente entrasse na casa de um matutozinho nosso, no sertão, e visse a qualidade da água que ele bebe.

Não faz muito tempo, Eduardo, eu não era presidente ainda, eu fui a Afogados da Ingazeira. Aquelas meninas que moravam no Aeroporto, não sei se moram lá, estavam sem ir à escola porque não tinham água para tomar banho. Enquanto em outras regiões as pessoas lavam carros com água potável, enquanto em outras regiões as pessoas dão banho em cavalo com



água potável. Aqui um cidadão brasileiro, só pelo fato de ter nascido no Nordeste e ter nascido no sertão mais pobre, esses que dão banho em cavalo ou que lavam carros, não queriam trazer um pouquinho de água para matar a sede desta gente. Se Deus quiser, nós vamos concluir esta obra, para que o povo do Ceará tenha água para beber, o povo de Pernambuco, o povo do Rio Grande do Norte e o da Paraíba também.

Em terceiro lugar, companheiros, eu quero dizer para vocês. Eu, certamente, não vou ver tudo pronto no meu mandato, mas uma coisa eu vou dizer para vocês. Com a refinaria que nós estamos fazendo em Pernambuco, com a Transnordestina, com a duplicação da BR-101, com o estaleiro Atlântico-Sul, lá em Pernambuco, para construir navios enormes, para construir plataformas para a Petrobras, com a refinaria que vamos fazer no Ceará, de 300 mil barris/dia, com a refinaria que vamos fazer no Maranhão, de 600 mil barris/dia, eu vou dizer para vocês: eu posso não ver, mas os meus filhos verão o Nordeste nunca mais ser lembrado como a região pobre deste país.

Por isso, companheiros e companheiras, é um orgulho... não vou falar de escolas, porque o Eduardo já falou. Mas eu queria dizer para vocês uma coisa: eu saio daqui mais orgulhoso. Dilma, olhe na cara desta gente. Você vai perceber que o sertanejo é diferente, ele é diferente do povo de outros estados brasileiros. Você percebe a cara desta gente, o sofrimento, a expectativa. Houve um tempo, Dilma, em que a gente saía daqui para ir para São Paulo, como eu fui, na perspectiva de melhorar de vida, e eu tive sorte porque aprendi uma profissão, fui para o Sindicato e virei presidente da República. Mas quantos nordestinos foram para lá, foram morar em condições desumanas, e tinham vergonha de ligar para casa, telefonar ou mandar uma carta dizendo que estavam desempregados ou passando fome. Muitas vezes a família só sabia de notícias, quando via que ele era preso por ter feito alguma coisa errada.

Nós queremos que o Brasil cresça de forma justa. É verdade que os



estados ricos já tiveram mais coisas, mas nós queremos mais escolas de qualidade, mais universidades, mais escolas técnicas. Nós queremos que as pessoas do Nordeste possam nascer e viver na sua terra natal. Se quiserem ir a São Paulo, ao Rio de Janeiro, vão de férias, passear. Não vão esmolar um emprego para trabalhar de servente de pedreiro, como a gente foi a vida inteira.

Então, eu estou orgulhoso e esperançoso de que quando eu voltar aqui outra vez, a gente já vai ter feito mais um pedaço da Rodovia, e quando eu voltar aqui depois de 2010, eu já vou poder dar uma volta no trem, que vai passar por aqui apitando e vocês vão se lembrar de que um dia teve um presidente que pensou no nosso querido Nordeste.

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)